

## Educação

# FILOSOFIA: “O AMOR À SABEDORIA” A PARTIR DO ENSINO FUNDAMENTAL II (6º AO 9º ANO)

Por Flávio Henrique Santos de Souza

**RESUMO:** Este artigo, utilizando do método bibliográfico qualitativo, procura salientar a importância da disciplina Filosofia na formação humanística dos adolescentes no âmbito do Ensino Fundamental II. Muitos estudantes, tardiamente, só começam a ter aulas de Filosofia no Ensino Médio, mas existem alguns colégios particulares que já ofertam essa disciplina (de forma complementar) aos alunos do Ensino Fundamental II. Com isso, faz-se necessário a instrumentalização da Filosofia para trazer temas e provocar debates fundamentados na Base Nacional Comum Curricular. De modo que se busque superar o “despejar de informações” irrelevantes sobre os discentes. Desse modo, a Filosofia pode ser utilizada para despertar ainda mais o raciocínio crítico e contribuir para a formação de pessoas que entendam a pluralidade humana. Assim, em tempos de torrenciais informações através da Internet, faz-se necessário aprender a analisar, a ponderar e o equilíbrio existencial ao lidar com as informações para aplicá-las na vida subjetiva e coletiva. Certamente, a Filosofia tem um papel fundamental para a formação do indivíduo que pensa “fora da caixa” e que respeita as diferenças humanas.

**Palavras-chave:** Filosofia; Ensino Fundamental II; Educação.

## Introdução

A Filosofia se originou na Grécia em meados do século VI AEC,<sup>1</sup> mas isso não quer dizer que no Oriente não havia Filosofia. Isso porque a Filosofia oriental já existia antes da Filosofia ocidental, porém a Filosofia

grega surgiu como uma tentativa de superar os mitos que versavam sobre narrativas de deuses e heróis para explicar a realidade cotidiana à luz da razão. Já a Filosofia oriental, inicialmente, era muito mais voltada para os aspectos místicos, religiosos e éticos. Assim, pode-se dizer que a Filosofia grega se utilizava da criticidade e do pensamento racional enquanto a Filosofia oriental (filosofia hindu, confucionismo etc.) estava mais preocupada com a espiritualidade e com questões éticas. Mas, mesmo a Filosofia ocidental tendo essa perspectiva mais racional, ela não nasceu emancipada das influências culturais do Oriente.

<sup>1</sup> As nomenclaturas AEC e EC são, respectivamente, Antes da Era Comum e Era Comum. Estas substituem as nomenclaturas a.C. e d.C. (antes de Cristo e depois de Cristo), pois são mais neutras e não relacionam a pesquisa com uma profissão de fé. EHRMAN, Bart D. Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi? Rio de Janeiro: PocketOuro, 2010. p. 284.

Porquanto:

Muitas das histórias sobre os antigos sábios gregos assinalavam visitas ao Oriente. Em muitos sentidos, a Filosofia grega não é o “milagre” que ainda se apregoa. Ela é filha do pensamento oriental, estimulada pelo ambiente dinâmico das cidades mediterrânicas (GUARINELLO, 2016: 93).

Sendo assim, o propósito deste artigo é entronizar a disciplina Filosofia (do Ocidente) como uma ferramenta imprescindível que serve, entre outras coisas, para despertar a criticidade e o pensamento racional dos alunos a partir do Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano). Isso não significa que a filosofia de ordem religiosa não tenha importância, contudo esse é um assunto de foro íntimo e cada aluno traz consigo sua tradição religiosa de casa ou não traz nenhuma referência ao metafísico. Então, a Filosofia é o baluarte conceitual para a fuga do senso comum, pois isso é uma “condição essencial para que a Filosofia possa exercer qualquer função de esclarecimento e orientação nos confrontos entre os seres humanos” (ABBAGNANO, 1998: 5). Com efeito, os estudos filosóficos a partir do Ensino Fundamental II podem contribuir na formação de pensadores autônomos que constroem suas próprias opiniões ponderadas no processo de ensino-aprendizagem.

## 2. “TODOS” PODEM SER “FILÓSOFOS”

Como aludido anteriormente, Filosofia, do grego *philosophia*, significa literalmente amor à sabedoria. Dessa forma, grosso modo, pode-se dizer que todos que conseguem pensar, que processam as informações e que buscam

o conhecimento podem ser “filósofos”, ou seja, podem ser pessoas que têm deferência pela sabedoria e pelo conhecimento. Agora, em termos acadêmicos, os filósofos produzem conhecimentos científicos e são aquelas pessoas especializadas na área de Filosofia que têm Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado.

Desse modo, pode-se dizer que as pessoas que almejam o conhecimento e a sabedoria podem ser “filósofas”. Com isso, os estudantes do Ensino Fundamental II também são capazes de se tornar “filósofos”, pois, de uma forma geral, eles são bem curiosos quando instigados com temas relacionados às suas cosmovisões e interesses. De modo que ficam interessados e querem participar das aulas e dos debates com seus conhecimentos de mundo. Sendo que em muitas intervenções dos alunos em um debate, por exemplo, podem ser percebidas falas de intolerância, de preconceito, de senso comum etc. É comum que os alunos que têm, mais ou menos, a faixa etária de 11 a 15 anos (Ensino Fundamental II) estejam, em boa parte do tempo, querendo se autoafirmar e mostrar superioridade aos colegas. Mas qualquer opinião embasada em preconceitos deve sempre ser desconstruída tendo a Filosofia como ferramenta. Além disso, muitos alunos são o reflexo das opiniões dos pais, dos familiares ou dos responsáveis sobre vários assuntos e trazem isso para os debates em sala de aula. Entretanto, alguns alunos nessa faixa etária já conseguem processar algumas informações mais elaboradas e criam opiniões próprias sobre um determinado tema. Então, a disciplina Filosofia entra nesse bojo justamente como um instrumento para despertar, para problematizar, para construir, para desconstruir etc. Porquanto “na Filosofia, aprendemos a analisar os elementos que compõem a existência humana no mundo.

Por isso, ela também se chama de analítica existencial” (BUZZI, 1992: 7).

As disciplinas escolares tradicionais e obrigatórias, tais como: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Inglesa (ou outra língua estrangeira), Artes e Educação Física, são importantes e todas elas são catalisadoras que tendem a contribuir para inteligências e conhecimentos múltiplos. Contudo, a disciplina Filosofia também tem seu valor para fomentar, por exemplo, questões amplas da existência humana, a relação dos seres humanos ante as ambiguidades e crises existenciais e as responsabilidades pessoais:

Subjetivamente a Filosofia consiste no esforço (conatus) de avivar a luz natural pertencente a nosso ser. No desempenho desse esforço recordamos a sabedoria da vida. Recordar a sabedoria da vida não é acumular informações eruditas nem muito saber. É voltar-se para a luz que já somos. É a arte de pensar por nós mesmos. É um pensar autocorretivo, que investiga a si mesmo com o propósito de pensar melhor (BUZZI, 1992: 8).

Certamente, a Filosofia tem seu corpus teórico e muitos conceitos que podem ser maçantes para os alunos do Ensino Fundamental II, mas é possível transportar tudo isso para a realidade deles. Com isso, é possível trabalhar do 6º ao 9º ano com assuntos que vão desde o nascimento da Filosofia às questões éticas, políticas, estéticas etc. Mesmo a Filosofia não sendo uma disciplina obrigatória para o Ensino Fundamental II, ela pode ser ofertada pela escola (pública ou particular) e pode contribuir muito, como dito anteriormente, para formação humanística<sup>2</sup> e ponderada dos

alunos. Algumas escolas particulares, em vez da Filosofia, optam por ofertar a disciplina Ética e Cidadania que é uma fusão de elementos tanto da Filosofia quanto da Sociologia. De sorte que isso evidencia o quanto, atualmente, esses conhecimentos são relevantes para a formação plena do ser humano pensante e tolerante.

## 2.1. METODOLOGIA

No que tange à metodologia deste artigo, serão utilizadas pesquisas bibliográficas que dialoguem com a Programação Anual de Conteúdos do 6º ao 9º ano do material didático de Filosofia do Sistema SAE Digital de 2020. Tive a oportunidade de utilizar esse material ministrando aulas de Filosofia no estágio do ano letivo de 2020. Desse modo, serão analisados, em linhas gerais, os temas potenciais que contribuem para a formação humanística dos alunos e que ressaltem a importância dos estudos filosóficos a partir do Ensino Fundamental II para a formação de futuros cidadãos que têm apreço pelas liberdades individuais.

O primeiro volume do material didático de Filosofia do 6º ano é a Unidade de Conhecimento. Nessa unidade são ressaltadas as formas de como as pessoas da Antiguidade concebiam e entendiam seus mundos. De modo que sempre é importante evidenciar que as pessoas são um mundo em si mesmo, pois todos nós somos iguais enquanto seres humanos, mas distintos nos aspectos culturais. Isso não significa que existem culturas superiores ou inferiores, porquanto “[...] os homens se parecem mais com sua época do

---

que enfatizavam o homem e sua posição privilegiada na Terra. [...] O Humanismo é comumente definido como um empreendimento moral e intelectual que colocava o homem no centro dos estudos e das preocupações espirituais, buscando construir o mais alto tipo de humanidade possível”. SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2009. p. 193.

---

<sup>2</sup> Humanístico é relativo ao termo Humanismo que “surgiu no século XVI para designar as atitudes renascentistas

que com seus pais” (BLOCH, 2001: 7). Portanto, a cultura é a transformação da natureza feita pelo ser humano e a manifestação do seu interior que varia no tempo e no espaço histórico.

Ainda em relação ao conhecimento das sociedades na Antiguidade, é interessante pontuar as várias formas de se pensar que eram fundamentadas nos mitos e a influência das narrativas mitológicas na produção de conhecimento em busca do sentido e da coesão social dos povos do mundo antigo. Nesse contexto, surgem os mitos de criação, deuses, heróis e a organização social. Convém salientar que os povos da Antiguidade acreditavam nos seus mitos e não os viam como meras fantasias, pois os deuses para eles traziam as respostas, a proteção, a fertilidade agrícola, o sentido existencial etc. Dito isso, o conteúdo avança para um polo oposto aos mitos: o surgimento da Filosofia grega e os principais filósofos chamados de pré-socráticos (ou filósofos da natureza). Esses filósofos surgiram com indagações acerca da vida e os mitos já não traziam, para eles, respostas satisfatórias para a curiosidade intelectual e a complexidade de pensamento que começou a ser elaborada. Porque “a Filosofia começou ocupando-se do problema da origem do mundo e da verdadeira realidade, da unidade por detrás das aparências” (FUNARI, 2011: 62).

Isso não significa que os gregos deixaram de acreditar nos mitos após o surgimento da Filosofia, porque os mitos e a Filosofia caminharam juntos na sociedade grega durante muito tempo. Porém, esses filósofos pré-socráticos buscavam:

Explicar o mundo a partir da razão, deixando de lado deuses, mitos e acasos mágicos e procurando identificar princípios, estabelecer uma ordem para os fenômenos naturais e sociais a partir da reflexão sobre a

experiência cotidiana foi uma preocupação que começou a ocupar as mentes de alguns homens inquietos e criativos (FUNARI, 2011: 62-63).

Nessa Unidade de Conhecimento, objetiva-se que os alunos do 6º ano identifiquem que a Filosofia surgiu em busca de respostas não encontradas antes, mas existem muitos problemas filosóficos que ainda não se têm respostas. Porém, a Filosofia pode ajudar a levantar mais questionamentos do que conseguir todas as respostas cabais sobre determinados tipos de assuntos.

O segundo volume do material didático de Filosofia do 6º ano é a Unidade de Ética. Essa unidade traz a importância da compreensão da ética e de sua aplicação pelos alunos no cotidiano. Assim, não se pretende fazer meramente discursos desprovidos de ações práticas. O pensamento ético se avolumou com as reflexões filosóficas e vale evidenciar a relevância da ética na esfera de convivência pacífica entre as pessoas, isto é, a boa convivência só é possível através da ética e da prática do bem. Como assevera Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco*:

Se existe, então para as coisas que fazemos, algum fim que desejamos por si mesmo e tudo o mais é desejado por causa dele; e se nem toda coisa escolhemos visando à outra (porque se fosse assim, o processo se repetiria até o infinito, e inútil e vazio seria o nosso desejo), evidentemente tal fim deve ser o bem, ou melhor, o sumo bem (2006, I, 2, 1094 a, 18-20).

Além disso, os filósofos gregos Sócrates (470-399 AEC), Platão (427-347 AEC) e Aristóteles (384-322 AEC) são trazidos nessa conjuntura para se buscar relacionar ética ao cotidiano segundo o ponto de vista de cada filósofo, pois eles foram

“filósofos que procuravam a verdade e podiam criticar os supersticiosos, preconceituosos e poderosos, à diferença dos sofistas, que defendiam qualquer argumento” (FUNARI, 2011: 67).

Nesse contexto, também é evidenciado o papel da ética tanto para os filósofos estoicos<sup>3</sup> quanto para os sofistas. Sendo que segundo os sofistas:

Os homens têm como característica comum a razão e, graças a ela, podem persuadir-se uns aos outros. Para os sofistas, portanto, não há verdades absolutas: há opiniões mais ou menos corretas e práticas, e o homem dotado de mais capacidade racional e melhor educação triunfa sobre os menos aptos (FUNARI, 2011: 66).

Os sofistas eram pagos para ensinar seus alunos a debaterem. O objetivo dos ensinamentos sofísticos era criar apenas “vencedores” nos debates. No conteúdo do 7º ano esse tema será mais desenvolvido. Nessa Unidade de Ética, pretende-se que os alunos do 6º ano relacionem ética a um exercício diário de ações práticas que visa o bem comum.

O terceiro volume do material didático de Filosofia do 6º ano é a Unidade de Política. Segundo Aristóteles, os seres humanos são gregários e precisam das relações coletivas:

Não seria menos estranho fazer do homem sumamente feliz um solitário, pois ninguém desejaria ser o dono do mundo se para isso a condição fosse viver só, pois o homem é um ser político e está em sua natureza viver

em sociedade. Portanto, mesmo o homem bom deverá viver em companhia de outros, visto possuir ele as coisas que são boas por natureza (2006, IX, 9, 1169 b, 15-20).

Com isso, os filósofos Platão e Aristóteles serão utilizados para se entender os seguintes aspectos: tipos de governo do mundo antigo, o conceito de democracia, de cidadania etc. Isso porque “Platão e Aristóteles fornecerão os fundamentos para todas as formas de pensamentos posteriores, na própria Antiguidade, mas também na Idade Média e até chegar aos Tempos Modernos” (FUNARI, 2011: 69). Nessa Unidade de Política, almeja-se que os alunos do 6º ano constatem que a política surgiu como um elemento organizador e controlador da vida social. De sorte que os “donos do poder” eram as pessoas mais abastadas.

Por fim, o quarto volume do material didático de Filosofia do 6º ano é a Unidade de Estética. De modo que é imprescindível fazer análises sobre o conceito de estética, pontuar a relação da arte com a Filosofia, mostrar as ideias de Platão e Aristóteles sobre a arte etc. O conceito de arte é uma coisa difícil de definir, mas pode-se dizer que:

[...] Arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia (COLI, 1989: 8).

Nessa Unidade de Estética, objetiva-se que os alunos 6º ano analisem as relações que as pessoas têm com a arte e a questão da sensibilidade artística. Pois a estética filosófica trata dos fundamentos da arte, da natureza e da imersão do indivíduo na contemplação daquilo que é belo para si.

<sup>3</sup> Relativo ao estoicismo que é uma “doutrina filosófica que faz da virtude a verdadeira felicidade e que prega a indiferença em relação ao prazer, à paixão e à dor”. HOUAISS, Antônio. Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 331. “O ideal estoico de boa vida era o da conformidade com a natureza”. HAMLYN, op. cit., p. 71.



O primeiro volume do material didático de Filosofia do 7º ano é a Unidade de Conhecimento. Nessa unidade é evidenciado, inicialmente, o ponto de vista dos sofistas sobre o conhecimento. Os sofistas foram filósofos que contribuíram imensamente para as argumentações lógicas, para os discursos e reflexões etc. Entretanto, os filósofos sofistas não tinham a preocupação com a verdade das coisas, porquanto o importante era sempre vencer os debates e discussões. Em tempos de efervescentes *fake news*, é notório que estudar os sofistas e seus métodos tem todo sentido para se compreender a realidade:

Hoje em dia, isto é muito importante também, pois somos constantemente bombardeados com discursos a favor disso ou daquilo, formulados por modernos sofistas, os publicitários, que pouco se importam com o conteúdo, defendendo qualquer ideia. Podem fazer uma propaganda de cigarro e, em seguida, outra contra o fumo! (FUNARI, 2011: 66-67)

As ênfases nessa unidade são dadas aos filósofos gregos Protágoras (490-415 AEC) e Górgias (485-380 AEC). “Supostamente, Protágoras alegou que o homem é a medida de todas as coisas, tanto das coisas que são o que são como das coisas que não são o que não são” (HAMLYN, 1990: 26). Nesse sentido, para o filósofo, tudo é como parece aos homens, isto é, os seres humanos, com isso, são “entronizados” por esse relativismo cultural<sup>4</sup> que solapava qualquer verdade absoluta. Já para o filósofo Górgias, era fundamental convencer as pessoas com discursos tanto racionais quanto

emocionais. Porém, quando mais emoção no discurso proferido, mais pessoas poderiam ser convencidas.

Depois, entra em cena o contraste entre o pensamento dos sofistas e o método socrático em busca da verdade. De modo que Sócrates se preocupava com a verdade e a justiça. Desse modo, com Sócrates, a Filosofia passou a se preocupar com os aspectos antropológicos, isto é, o papel do indivíduo na sociedade e a responsabilidade humana ganharam maior destaque nas análises filosóficas. Nessa Unidade de Conhecimento, pretende-se que os alunos do 7º ano apontem as inúmeras mentiras que podem ser propagadas através de qualquer discurso que visa apenas o beneficiamento do grupo de pessoas que o proferiu.

O segundo volume do material didático de Filosofia do 7º ano é a Unidade de Ética. Essa unidade se inicia contrastando a ética com a moral. A ética seria um conjunto de normas relacionadas aos pensamentos e a moral seria a ação propriamente dita. Ou seja, a ética, nesse contexto, é definida enquanto teoria e a moral enquanto prática.

Depois, a ética é analisada dentro da Idade Média, ou seja, em um período onde houve mudanças de mentalidade em relação à Antiguidade. Os pensadores que recebem destaque são: o filósofo e teólogo africano Agostinho de Hipona (354-430), o filósofo e teólogo francês Pedro Abelardo (1079-1142) e o filósofo e teólogo italiano Tomás de Aquino (1225-1274). Todos esses pensadores eram pessoas de fé, isto é, cristãos, mas cada qual tinha sua própria visão sobre a ética dentro da Filosofia cristã. Para Agostinho, [...] “todas as coisas dependem da mente divina no sentido em que são a corporificação do conhecimento divino. O objetivo da humanidade é ser uno com Deus” (HAMLYN, 1990: 82).

4 “Andrew e Sedgwick, [...] definem o relativismo cultural como a visão que interpreta moralidade, práticas e crenças funcionando de forma diferente em culturas distintas e, logo, não podendo ser julgados quanto a seu valor segundo um ponto de vista de outra cultura”. SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2009. p. 350.

Nessa Unidade de Ética, almeja-se que os alunos do 7º ano percebam que tanto a ética quanto a moral sofrem mudanças ao longo do tempo e do espaço. O importante é ressaltar os valores e as situações relacionadas aos problemas éticos na atualidade, bem como pontuar o respeito à alteridade e focar as mudanças de mentalidade ocorridas ao longo do tempo.

O terceiro volume do material didático de Filosofia do 7º ano é a Unidade de Política. Contudo, inicialmente, essa análise sobre política se desdobra na já mencionada Idade Média. A política medieval era uma teocracia, ou seja, Igreja e Estado faziam parte de um mesmo arranjo. Assim, a Igreja Católica influenciava a monarquia, mas, ao longo da Idade Média, houve muitos momentos de tensão e embates entre papas, imperadores e reis devido à disputa destes pelo controle do poder temporal, isto é, o poder dirigido pelos governantes seculares. O pontificado de Gregório Magno (590-604):

[...] Não pretendia submeter os príncipes à sua autoridade. Em outros termos, respeita a jurisdição monárquica. Ao sacralizar o poder político, tem em vista a concepção de uma ordem cristã do mundo. Nesse sentido, não restringe a dinâmica do Estado, como tende, aliás, a fazer quando de seu choque com o Império (RIBEIRO, 1995: 32).

Com essa influência cristã nos assuntos políticos do período medieval, abriu-se espaço para muita intolerância contra politeístas, judeus e muçulmanos. De modo que, em diversos momentos, quem fosse contra os dogmas, isto é, as doutrinas inquestionáveis da Igreja Católica e de sua intervenção no poder temporal, poderia ser perseguido e até mesmo perder sua vida.

Dessa forma, será evidenciado o papel do

Estado tanto para Agostinho quanto para Tomás de Aquino. Depois, serão mostradas as mudanças políticas, na Idade Moderna, ocorridas com o Absolutismo onde os monarcas passaram a governar com os poderes centralizados em suas mãos. Dentre os principais defensores das ideias absolutistas estão: o filósofo florentino Nicolau Maquiavel (1469-1527), o filósofo e jurista francês Jean Bodin (1530-1596) e, parcialmente, o filósofo, matemático e teórico político inglês Thomas Hobbes (1588-1679). Nessa Unidade de Política, objetiva-se que os alunos do 7º ano compreendam, nos dias atuais, que os políticos podem gozar plenamente de suas espiritualidades, porém, não podem governar e criar leis tendo por base a religião. Porque o Estado é laico, ou seja, deve ser imparcial em relação às religiões e os políticos devem trabalhar em prol de todos os cidadãos e não apenas para os seus correligionários. Além disso, é interessante que os alunos percebam as justificativas criadas para a manutenção dos monarcas absolutistas no poder em detrimento de grupos sociais menos favorecidos.

Por fim, o quarto volume do material didático de Filosofia do 7º ano é a Unidade de Estética. Sendo que esse estudo da arte se dá, inicialmente, com a compreensão da arte religiosa e pedagógica do período medieval. Após isso, serão vistas as características da arte dentro do Renascimento onde os pensadores renascentistas passaram a contemplar a beleza da natureza e a aspirar os prazeres da humanidade. Deixaram assim a visão teocêntrica em segundo plano e se afeiçoaram ao humanismo. Nessa Unidade de Estética, pretende-se que os alunos do 7º ano se aproximem mais da arte. Assim, serão pontuados os aspectos gerais da arte e as funções artísticas na arquitetura, pintura e escultura na conjuntura renascentista. Isso por que:

Se a arte não é imediatamente vital, ela representa em nossa cultura um espaço único onde as emoções e intuições do homem contemporâneo podem desenvolver-se de modo privilegiado e específico. Isso não significa que, em nossa relação com a arte, a razão deixe de intervir (COLI, 1989: 105).

O primeiro volume do material didático de Filosofia do 8º ano é a Unidade de Conhecimento. Nessa unidade é salientada a produção de conhecimento que se dá no período medieval, ou seja, a Igreja era a detentora do monopólio do saber. Com isso, as ideias de Agostinho (que influenciaram os pensadores medievais) e Tomás de Aquino são trazidas para o diálogo entre fé e razão. Contudo, é interessante notar que é impossível separar a produção de conhecimento na Idade Média da fé, haja vista que a teocracia era quem regia todas as relações da sociedade.

Depois, são evidenciadas as transformações científicas e políticas que ocorreram no período moderno através da Revolução Científica. Nesse sentido, os pensadores destacados são: o filósofo, astrônomo e matemático florentino Galileu Galilei (1564-1642), o filósofo, físico e matemático francês René Descartes (1596-1650), o filósofo inglês Thomas Hobbes, o filósofo inglês John Locke (1632-1704), o filósofo, cientista e político inglês Francis Bacon (1561-1626) e o filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804). Nessa Unidade de Conhecimento, almeja-se, inicialmente, que os alunos do 8º ano definam, em termos filosóficos, os conceitos de fé, Deus, razão etc. As crenças serão analisadas como um elemento de coesão social e de suma importância histórica para se compreender as realidades sociais. Depois, objetiva-se que os alunos analisem todos os pensadores citados que contribuíram para as

transformações políticas e a Revolução Científica, pois eles assentaram as bases e desenvolveram os conhecimentos que deveriam ser confirmados pela experiência e pela razão. Com isso, houve uma enorme progressão científica ancorada no espírito crítico da modernidade. Hoje, de forma geral, existem pessoas com um forte negacionismo (antivacinistas, terraplanistas etc.) em vários aspectos corroborados pela Ciência como um todo. Então, faz-se necessário trazer à baila as discussões sobre os fundamentos científicos ao longo da história.

O segundo volume do material didático de Filosofia do 8º ano é a Unidade de Ética. Nessa unidade, a ética é analisada dentro da Idade Moderna onde houve a retomada e o aprofundamento do pensamento racional. Nessa Unidade de Ética, pretende-se que os alunos do 8º ano relacionem as ideias de René Descartes e Baruch Espinosa (1632-1677) sobre ética, moral e a vida em sociedade, com a vida atual para se entender a ética moderna que é sobremodo racional.

O terceiro volume do material didático de Filosofia do 8º ano é a Unidade de Política. Inicialmente, será feita a discussão sobre a liberdade e o direito natural baseada no pensamento político de Aristóteles. Depois, será feito o contraponto entre Tomás de Aquino e Aristóteles no que diz respeito ao conceito de direito natural. Desse modo, o conteúdo avança e se discutirá o papel do Estado para o filósofo e teólogo alemão Johannes Althusius (1563-1638) e para o filósofo inglês John Locke. Ambos defendiam os direitos naturais como “inalienáveis” aos indivíduos. Bem como, se discutirá também, o aspecto político do Iluminismo. A unidade sobre política será fechada com as ideias políticas do século XIX (socialismo e anarquismo) que se



robusteceram com as mazelas da industrialização. Igualmente, serão vistas as noções de felicidade e as funções do Estado nas visões de Immanuel Kant e do filósofo, jurista e economista inglês Jeremy Bentham (1748-1832). Além disso, será salientado o pensamento do filósofo e historiador alemão Karl Marx (1818- 1883) sobre o papel do Estado e sua luta contra a alienação do indivíduo. Pois Marx:

Percebeu que desde as comunidades familiares ou tribais, que levavam uma vida primitiva e simples, porém mais comunitária, até nossa sociedade moderna, a humanidade havia caminhado muito. Se houve progresso, houve também maior exploração e escravidão, em nome da riqueza e do poder de alguns, que pertenciam a várias classes: nobreza, clero, burguesia, etc. (SOUZA, 1989: 15).

Nessa Unidade de Política, pretende-se que os alunos do 8º ano reconheçam as relações de poder em uma sociedade, onde serão mostradas desde o processo de elaboração das leis pelos setores sociais dominantes às explorações feitas nos processos produtivos.

Por fim, o quarto volume do material didático de Filosofia do 8º é a Unidade de Estética. Serão trabalhadas as noções de belo para os filósofos Platão, David Hume (1711-1776) e Kant. Assim, entende-se que a beleza é algo estritamente subjetivo e de acordo com os olhos do observador. Portanto, todo padrão de beleza imposto pela sociedade deve ser desconstruído. Além disso, a relação entre Filosofia e arte será abordada no contexto da sociedade industrial e os movimentos artísticos da Modernidade, a saber: futurismo, expressionismo, cubismo e fauvismo. Nessa Unidade de Estética, almeja-se que os alunos do 8º ano testifiquem que:

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de “aprendizagem”. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com arte nos transforma (COLI, 1989: 109).

O primeiro volume do material didático de Filosofia do 9º ano é a Unidade de Conhecimento. Nessa unidade, são discutidas as principais ideias do filósofo prussiano Friedrich Nietzsche (1844-1900), do filósofo austro-britânico Karl Popper (1902-1994), do filósofo e matemático alemão Edmund Husserl (1859-1938), do filósofo e teólogo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), do filósofo e matemático britânico Bertrand Russel (1872-1970) e do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951). De forma geral, todas essas ideias versam sobre o conhecimento, a relação do indivíduo com a vida, os aspectos da linguagem etc. Com isso, pode-se evidenciar a suma relevância da Filosofia. Como pontua Bertrand Russel:

Desde que o homem se tornou capaz de livre especulação, suas ações, em muitos aspectos importantes, têm dependido de teorias relativas ao mundo e à vida humana, relativas ao bem e ao mal. Isto é tão verdadeiro em nossos dias como em qualquer época anterior. Para compreender uma época ou uma nação, devemos compreender sua filosofia, temos de ser, até certo ponto, filósofos (apud FIGUEIREDO, 1970: 33).

Nessa Unidade de Conhecimento, objetiva-se que os alunos do 9º ano constatem que o “mundo é feito de ideias” que são expressas de múltiplas formas por várias linguagens. Com isso, a Filosofia

ajuda bastante na compreensão dessas ideias que ficam nas bases culturais das sociedades, pois cada qual tem sua própria visão de mundo.

O segundo volume do material didático de Filosofia do 9º ano é a Unidade de Ética. Inicialmente, serão trabalhadas as ideias de Agostinho e do filósofo e jurista dos Países Baixos Hugo Grotius (1583-1645) sobre a ética em períodos de guerra, ou seja, a análise recairá sobre até que ponto seria justificável um povo entrar numa guerra. Sendo que entre as causas de muitos conflitos ao longo da história, no geral, se encontra presente o elemento financeiro. Pois as guerras foram:

[...] Responsáveis pela criação dos primeiros corpos de tropa armados e disciplinados, foram consequência de interesses econômicos em jogo. Mas a “política” do Estado, a “honra” da Nação e outros sonoros argumentos tentam sempre encobrir o real conteúdo dos interesses geopolíticos de povos sob confrontos bélicos. É uma tradicional camuflagem ideológica para esconder interesses de classes dominantes. E estas, ao contrário do povo, não se engajam nas frentes de batalha (NUMERIANO, 1990: 10-11).

Portanto, o papel da ética também é mencionado em momentos de guerra. Isso porque em uma guerra não “vale tudo”. Haja vista que as pessoas envolvidas em uma guerra podem ser julgadas por crimes de guerra (torturar prisioneiros, utilizar gás venenoso etc.). Depois, o conteúdo avança para a ética no período do pós-guerra. Serão utilizadas as ideias da filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975) sobre a coisificação humana causada pela ideologia nazista. Arendt dizia que:

A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes (2013: 16).

Essa unidade será encerrada com a análise da ética na atualidade para o filósofo alemão Hans Jonas (1903-1993) e para o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984). Nessa conjuntura, as ideias desses filósofos versam, respectivamente, sobre a ética atual que deve preservar não apenas os humanos, mas a fauna e a flora como um todo e a questão ética do cuidado com consigo mesmo. Nessa Unidade de Ética, pretende-se que os alunos do 9º ano verifiquem que as ações éticas devem permanecer mesmo dentro de contextos de guerra, que o ser humano, além do cuidado consigo mesmo, poderia pensar mais no cuidado do Planeta Terra e que é com pequenas ações de cuidado que as futuras gerações poderão habitar em um mundo mais sustentável e promissor.

O terceiro volume do material didático de Filosofia do 9º ano é a Unidade de Política. Será vista a política contemporânea com os regimes totalitários (fascismo e nazismo) que surgiram com força, de modo geral, após a Primeira Guerra Mundial, devido à descrença nas democracias liberais, à Crise de 1929 etc. Com isso, serão salientadas as formas como esses regimes se utilizavam dos meios de comunicação de massa para doutrinar política e ideologicamente as pessoas. Assim, o conteúdo prossegue para a análise da condição humana com a filósofa Hannah Arendt. Os regimes totalitários serão relacionados com o conceito de “banalidade do mal” de Arendt onde os seres humanos foram transformados em supérfluos pelas relações de poder na esfera política e pelas atrocidades cometidas por tais

regimes. Nessa Unidade de Política, almeja-se que os alunos do 9º ano exemplifiquem que os regimes totalitários estavam assentados em um discurso de ódio, de preconceito e antidemocrático. De modo que vale pontuar que esses regimes foram manifestações sórdidas da gana pelo poder de certos indivíduos e que receberam apoio de setores da sociedade. Assim, sempre é bom lembrar que essas experiências não foram erradicadas do mundo, pois tudo que envolve intolerância, supremacismo e censura, está, em certa medida, ligado a essa “tradição autoritária”.

Por fim, o quarto volume do material didático de Filosofia do 9º ano é a Unidade de Estética. Inicialmente, se discorrerá sobre a Escola de Frankfurt e seus principais pensadores onde a indústria cultural será ressaltada, ou seja, a indústria que fomenta nas pessoas o consumo de produtos de forma irreflexiva. Além disso, a unidade será encerrada com os movimentos estéticos contemporâneos: pop art e street art. Assim, ambos serão contextualizados com o pós-guerra para se evidenciar como a arte permeia a vida de todas as pessoas, direta ou indiretamente, nos desenhos, quadrinhos, pinturas, grafites, nas ruas, etc. Isso mostra a relevância da arte para o indivíduo, pois a arte é um fenômeno social que transforma a realidade e alivia as agruras existenciais das pessoas. Porquanto:

[...] O objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia (COLI, 1989: 109).

Nessa Unidade de Estética, objetiva-se que os alunos do 9º ano identifiquem que:

[...] A indústria cultural separa os bens culturais pelo seu suposto valor de mercado: há obras “caras” e “raras”, destinadas aos privilegiados que podem pagar por elas, formando uma elite cultural; e outras “baratas” e “comuns”, destinadas à massa. Assim, em vez de garantir o mesmo direito de todos à totalidade da produção cultural, a indústria cultural introduz a divisão social entre elite “cult” e massa “inculta” (CHAUÍ, 2008: 291).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que com todas as discussões bibliográficas e filosóficas supracitadas do 6º ao 9º ano (sobre conhecimento, ética, política e estética), o desígnio da disciplina Filosofia é formar alunos que pensem filosoficamente o mundo por conta própria. Portanto, pode-se dizer que a Filosofia pode emancipar o pensamento do indivíduo e proporcionar uma educação humanística aos alunos a partir do Ensino Fundamental II.

---

**Flávio Henrique Santos de Souza** é Licenciado em História pela Universidade Castelo Branco (UCB). Pós-graduado em História Antiga e Medieval pelo Núcleo de Estudos da Antiguidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEA-UERJ). Pós-graduado em História do Cristianismo pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARENDT, Hanna. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BUZZI, Arcângelo R. **Filosofia Para Iniciantes**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COLI, Jorge. **O Que é Arte**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

EHRMAN, Bart D. **Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?** Rio de Janeiro: PocketOuro, 2010.

FIGUEIREDO, J. C. **Filosofia da Educação**. Minas Gerais: Editora Bernardo Álvares, 1970.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2011.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **Dossiê Platão**. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2016.

HAMLYN, David Walter. **Uma História da Filosofia Ocidental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. Lisboa: Gradiva, 1984.

MICELLI, Paulo. **História Moderna**. São Paulo: Contexto, 2018.

MORAES, Luís Edmundo. **História Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2017.

NUMERIANO, Roberto. **O Que é Guerra**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIBEIRO, Daniel Valle. **Igreja e Estado na Idade Média**. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1995.

SILVA, Marcelo Cândido da. **História Medieval**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Ari Herculano de. **O Socialismo**. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.

## Sites

**Base Nacional Comum**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 2 de maio de 2021.

**Sistema SAE Digital**. Disponível em: [https://sae.digital/sobre/quem-somos/?gclid=CjwKCAiAudD\\_](https://sae.digital/sobre/quem-somos/?gclid=CjwKCAiAudD_)